

PREFÁCIO E ORGANIZAÇÃO DE LUCIA SANTAELLA
TRADUÇÃO DE LUCIA SANTAELLA E ISABEL JUNGK

CHARLES SANDERS PEIRCE

EXCEROTOS



Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por quaisquer meios, eletrônicos ou mecânicos, incluindo fotocópias, gravações ou qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informação sem autorização prévia, por escrito, do editor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Charles Sanders Peirce / prefácio e organização de Lúcia Santaella;
tradução de Lucia Santaella e Isabel Jungk – São Paulo: Paulus, 2020.
Coleção Clássicos para comunicação.

Título original: Charles Sanders Peirce
ISBN 978-65-5562-046-7

1. Comunicação 2. Semiótica 3. Comunicação digital 3. Peirce,
Charles S. (Charles Sanders), 1839-1914 - Interpretação e crítica 4. Sinais
e símbolos I. I. Santaella, Lúcia II. Jungk, Isabel

CDD 302.2
CDU 316.77

20-1918

Índice para catálogo sistemático:

1. Comunicação

Direção editorial: *Sílvio Ribas*

Direção FAPCOM: *Antonio Iraldo Alves de Brito*

Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*

Preparação do original: *Caio Pereira*

Projeto gráfico: *Karine Pereira dos Santos*

Impressão e acabamento: PAULUS



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos
e nossas promoções: paulus.com.br/cadastro

Televentas: (11) 3789-4000 / 0800 16 40 11

1ª edição, 2020

© PAULUS – 2020

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel. (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-046-7

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE

- 7 APRESENTAÇÃO
- 9 Onde Peirce queria chegar?
- 20 De onde Peirce partiu para a sua definição de signo
- 32 Comentários sobre as traduções da segunda parte

SEGUNDA PARTE

- 35 TRADUÇÃO DE EXCERTOS DE ESCRITOS DE C. S. PIERCE
- 35 Excertos dos *Collected papers* vol. 1
- 57 Excertos de Cartas de Peirce a Lady Welby (Ep 2: 475-481)
- 70 Excertos MS 318

TERCEIRA PARTE

- 83 C. S. PEIRCE: VIDA E OBRA
- 83 Vida
- 83 A lógica concebida como semiótica
- 89 Obra

PRIMEIRA PARTE

APRESENTAÇÃO

Há alguns anos, venho defendendo o argumento de que a semiótica de Peirce é também uma teoria da comunicação (Santaella e Nöth, 2004; Santaella, 2017). Aliás, o argumento nem precisaria de ênfases defensivas, caso não houvesse uma tendência generalizada de promulgar-se uma falsa separação entre a comunicação e a semiótica. Para começar, Umberto Eco nos ensinou que não há cultura sem comunicação, assim como não há comunicação sem signos. Vêm daí as afirmações a seguir, que tenho repetidamente proferido.

Só há comunicação quando algo é intercambiado de uma mente a outra. Com isso, visa-se a produzir algum tipo de influência ou algum tipo de mudança nos polos dessa relação. Mas só pode haver transformação quando aquilo que é intercambiado contém alguma espécie de conteúdo que, comumente, é chamado de informação ou mensagem. Estas

se corporificam em signos de alguma espécie: verbais, visuais, sonoros ou na mistura deles. Para serem capazes de informar, os signos precisam estar, de algum modo, codificados de maneira compartilhada. Para serem intercambiados, por sua vez, dependem de canais, veículos ou meios de transporte. Os intercâmbios não são necessariamente unilaterais. Ao contrário: na maior parte das vezes, há trocas entre os dois polos. Disso conclui-se que: a) não há comunicação sem intercâmbio de algum tipo de conteúdo; b) todo conteúdo se expressa em mensagens; c) toda mensagem se encarna em signos; d) não há intercâmbio de mensagens sem um canal de transporte.

Num nível básico, estão aí indicadas as relações indissolúveis entre a comunicação e a semiótica, as quais podem ser sintetizadas em uma frase simples: a comunicação não pode prescindir de signos. O que são signos e quais são os signos? É nesse ponto que a semiótica de C. S. Peirce pode trazer contribuições relevantes.

ONDE PEIRCE QUERIA CHEGAR?

Peirce tinha em mente compreender por que e como a inteligência e o conhecimento humano evoluem e crescem. Ele era um cientista, e a ciência é a grande responsável pelo crescimento contínuo do conhecimento. Mas como esse crescimento se dá? Eis a questão: para ele, embora falível, a ciência implica métodos que garantem a validade do conhecimento justificado pela pesquisa. Em razão disso, a questão do método constituiu o cerne das preocupações de Peirce. Antes de tudo, ele fez a crítica interna do método cartesiano, pois seu falibilismo não poderia aceitar que conclusões científicas ou filosóficas pudessem ser indubitáveis. A seguir, Peirce deu-se conta de que os métodos se organizam em raciocínios lógicos. Considerou, então, que a lógica não pode ser apenas dedutiva, mas, também, indutiva e abdutiva. Essa última, a lógica da descoberta, foi criada e desenvolvida por Peirce. Ora, pensar é um tipo de ação; raciocinar, que está na base da lógica, é uma

ação autocontrolada, pensamento submetido ao autocontrole. Mas, o que é o pensamento?

Seu ponto de partida, mantido por sua vida afora, é que todo pensamento se dá em signos. Qualquer coisa que esteja presente à mente é signo: frases, imagens, relações, tensões, sentimentos, tudo é signo. Ou seja, são os signos que dão materialidade ao pensamento. Segue-se disso que nem todos os signos são apenas simbólicos, nem mesmo os signos matemáticos. Conclusão: para compreender os pensamentos, que estão na base dos raciocínios, que, por sua vez, estão na base dos métodos, é preciso estudar os signos. Nasceu daí a sua semiótica, que é, sobretudo, uma teoria do pensamento como signo e uma teoria do conhecimento que só pode dar-se em signos. Portanto, a semiótica – a doutrina de todos os tipos possíveis de signos, que são também formas de externalização do pensamento em meios de comunicação, seus poderes de referência e os tipos de interpretação que estão aptos a produzir –, no conjunto de sua obra, exerce o papel

de propedêutica para o estudo dos raciocínios, e estes, para o estudo dos métodos.

Entretanto, antes do desenvolvimento de uma doutrina de todos os tipos de signos como propedêutica para estudar os métodos das ciências, havia uma tarefa ainda mais preliminar, da qual, segundo Peirce, nenhum pensador pode furtar-se: a radical análise de todas as experiências possíveis, ou seja, trazer à baila as categorias gerais, abstratas e formais, onipresentes em quaisquer fenômenos de quaisquer espécies, mentais ou externos à mente, portanto, presentes na natureza e nas sociedades. Depois de muita reflexão e análise, idas e vindas, emergiram suas famosas três categorias, que, com o tempo, ele esvaziou de quaisquer conteúdos específicos, a fim de reduzi-las aos seus sentidos puramente lógicos: primeiridade, secundidade e terceiridade.

Portanto, são categorias estritamente lógicas, uma lógica relacional que também foi criada por Peirce, a lógica monádica, a diádica e a triádica, em correspondência com as

categorias. Por serem abstratas e universais, isso permite que, em cada campo da realidade, as categorias apareçam com uma vestimenta própria daquele campo. Por exemplo, na física, elas surgem como acaso, lei e tendência do universo a adquirir novos hábitos. Já na psicologia, elas aparecem na roupagem de sentimento, ação-reação e pensamento-tempo. Dessas categorias, são construídos os alicerces do edifício filosófico de Peirce, um edifício composto por disciplinas filosóficas, entre elas, a semiótica. Portanto, é preciso ficar claro que a semiótica de Peirce é parte de uma filosofia cujas disciplinas se distribuem e se inter-relacionam de acordo com a lógica ternária das categorias.

No nível interno da analítica semiótica, das categorias de primeiridade e secundidade, são derivados os quase-signos, índices e ícones, ou seja, signos que não são inteiramente triádicos e, portanto, não genuínos. Os signos triádicos, por sua vez, como são os signos convencionais, exemplificados na língua falada e escrita, nas notações musicais, nas formulações

matemáticas etc., são signos genuínos, ou seja, genuinamente triádicos. A forma mais simples de terceiridade fica expressa na relação triádica que se corporifica no signo genuíno, cuja definição Peirce ensaiou dezenas de vezes na sua luta para ser compreendido, algo nada fácil um século atrás.

Dentro da função propedêutica que fora dada à semiótica, Peirce tinha em mira chegar a uma noção geral e abstrata de signo e quase-signo, ou melhor, uma definição capaz de explicitar como signos e quase-signos agem. Uma vez que a definição é lógica e abstrata, tudo que porventura possa exibir esse modo de agir será *ipso facto* um signo. Que modo de agir é esse? É aquele que implica uma tríade de relações entre o signo em si mesmo, seu objeto de referência e um interpretante ou efeito provocado pelo signo em mente real ou potencial. Onde houver tal ação, lá estará o signo.

O primeiro texto de autoria de Peirce, que foi traduzido para comparecer na segunda parte deste volume, apresenta uma definição bastante

abstrata da ação do signo. Ela é tão abstrata que costuma afastar aqueles que buscam a carnadura concreta das coisas. Contudo, em sua busca por fazer-se compreendido, Peirce apresentou dezenas de definições em variados graus de abstração, como a que vem a seguir, que pode ser classificada no nível médio de abstração:

Um signo intenta representar, em parte (pelo menos), um objeto que é, portanto, em certo sentido, a causa ou determinante do signo, mesmo que o signo o represente falsamente. Mas, dizer que ele representa seu objeto implica que ele afete a mente de tal modo que, de certa maneira, determine nessa mente algo que é mediatamente devido ao objeto. Essa determinação, cuja causa imediata ou determinante é o signo e cuja causa mediada é o objeto, pode ser chamada de interpretante (CP 6.347).

Essa definição é interessante porque apresenta importantes modalizações, ou seja, o

signo não representa inteiramente o referente ou objeto, que também podemos chamar de *realidade*. De fato, a realidade é sempre mais vasta e complexa do que o campo estrito a que o signo se reporta. Além disso, o signo, ele próprio, não pode abraçar completamente nem mesmo o recorte da realidade a que se refere. Portanto, há uma inevitável incompletude no signo.

Outro fator relevante é que a fonte da semiose ou ação do signo encontra-se no objeto. É o objeto que determina o signo. Assim, há, entre signo e objeto, ao mesmo tempo, uma relação de determinação do objeto para o signo, e uma relação de representação do signo para com o objeto. Mesmo se localizando nesse nível médio de abstração, a definição acima ainda causa estranheza, pois não especifica, como é o caso de definições mais singulares, quem ocupa cada uma das posições na relação. Justamente por ser lógica, ela indica a função de cada elemento no processo, e não o conteúdo específico de um signo empírico. Isso permite que as mais diferentes entidades existentes